

A história que a história não contou: escolas de samba e o resgate da ancestralidade em novas formas de representação do corpo negro¹

Celina LUCAS²
São Paulo, SP

RESUMO

Nosso artigo pretende realizar uma análise sobre as novas formas de representação do corpo negro no audiovisual. Usaremos como objeto de estudo o produto gerado pela transmissão dos desfiles das escolas de samba para o carnaval de 2023, em especial, os espetáculos realizados pelas escolas Mocidade Alegre (Yasuke), Viradouro (Rosa Maria Egipciáca) e Beija-flor (Grito dos Excluídos). Iniciaremos nossa jornada identificando os estereótipos de representação negra presentes em três ocorrências midiáticas: a publicitária, a ficcional e a jornalística. E, de forma comparativa, abordaremos as formas como as entidades carnavalescas contribuem para a ressignificação da imagem do negro a partir da construção de novas narrativas, resgatando nomes relevantes da história negra e colocando-os como personagens centrais dotados de suas capacidades artísticas e intelectuais.

PALAVRAS-CHAVE: negro; racismo; representação; escolas de samba; mídia.

1. A história que a história não contou

Desde muito pequeno, o negro é advertido: aconteça o que acontecer, não saia de casa sem os seus documentos. Padaria, mercado, casa de amigos, bar da esquina, esteja sempre preparado para a conferência de dados. Mantenha os olhos baixos e jamais aja como se algo fora do normal estivesse acontecendo. Não se compare ao amigo branco de idade equivalente que, provavelmente, passará ileso pelo processo. Só fale o que for perguntado e se for perguntado, responda com resignação. Facilite a revista levantando os braços, mas sem movimentos bruscos. Diga logo que é trabalhador. Justifique a sua estada no local. Peça desculpas por sua aparência e agradeça a boa execução do trabalho policial. A criança negra interioriza o conselho, mas ao longo da sua vida começa a questionar: por quê?

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: celinalucas@gmail.com.br

Os documentos são a materialização de uma existência, um atestado de pertença legalmente reconhecida e, portanto, constituída por uma história. E, justamente, quando refletimos sobre esse conceito que não podemos nos esquecer de duas de suas características mais contundentes - o fato de ser composta por um conjunto de acontecimentos sobre a humanidade de um determinado lugar ou época e de as ocorrências serem narradas sob um determinado ponto de vista, isto é, daqueles que os relatam.

É esse caráter do termo *história* que nos ajudará a compreender a condição negra que o obriga a ter que provar frequentemente a sua qualidade de pertença. Há 135 anos e, tendo como respaldo a Lei Áurea de número 3353, declarava-se extinto o regime escravo no Brasil. O episódio, aparentemente, alçaria a população negra do espaço de “coisa” para o de “pessoa livre”. Supostamente, como “pessoa livre”, o negro adquiriria o direito de, como parte humana de uma sociedade, ter a sua história registrada. Nesse processo, como qualquer outro membro da sociedade, não haveria a necessidade de provar a todo momento o seu direito de estar, de ir e vir. Todavia, a situação de ser tratado como coisa, esforçou-se, por apagar uma existência anterior ao rapto dessa comunidade.

Paradoxalmente e, embora destinada a cumprir o destino cruel de coisa, a população negra recém-chegada possuía uma biografia. Essa foi abafada pela brutalidade do regime escravagista, o mesmo que separou famílias, calou manifestações culturais, exterminou dialetos, soterrou na lama do chão batido das lavouras coroas de reis e rainhas e de vozes oriundas de distintas regiões da África, como o sul do deserto de Saara, Benguela (oeste de Angola) e o Congo (África Central).

Em sua sina de coisa, do mesmo modo, não teve a sua história contada, não de forma autônoma à pertença do branco escravizador, perpetuado como força oca que suportava a produção de cana de açúcar, as lavouras de café ou a extração de pedras preciosas. Cruelmente, a trajetória do negro após a abolição da escravatura, também não foi registrada, nem tão pouco houve um movimento de resgate da sua peleja como escravo ou de sua trajetória ancestral. A escassa existência de registros, transforma a odisséia negra pelo mundo em contos fantásticos repletos de especulações que transformam ícones importantes em fábulas.

Os registros sobre a abolição da escravatura, por exemplo, a caracterizam como um memorável oferecimento da princesa Isabel à sofrida população negra³. Nos anos que antecederam o evento, a regente foi encurralada por uma série de movimentos e fatos que acabaram por tornar insustentável o cativeiro no país. Assim, a libertação dos escravizados não foi fruto de um fato isolado, mas de uma sucessão de acontecimentos, apesar das iniciativas contrárias de grandes fazendeiros que dependiam da mão de obra cativa e que, por isso, eram contra a abolição.

O Brasil sofreu pressões externas, como da Inglaterra, no século XIX, que passou a coibir o transporte de escravos, atividade considerada então “tráfico” ilegal⁴. Internamente e, para as questões da abolição, não podemos deixar de citar os movimentos político-sociais chamados de abolicionistas. Provavelmente, surgidos na metade do século XIX, reuniram jornalistas, políticos, religiosos e artistas, muitos dos quais descendentes de escravos, em torno da causa, como André Rebouças (negro, engenheiro e intelectual), Maria Firmina (negra, romancista, professora e intelectual) e José Patrocínio (negro, jornalista, farmacêutico e escritor). Sucedeu-se um forte trabalho da imprensa, através de revistas e jornais, e de múltiplas manifestações artísticas. Muitos romances tinham as mazelas da escravidão como tema central. O poeta afrodescendente Castro Alves (1847-1871), por exemplo, foi um nome proeminente do movimento e, em 1868, escreveu o famoso poema “Navio Negreiro”⁵:

Tinir de ferros estalar de açoite/ Legiões de homens negros como a
noite/ Horrendos a dançar/ Negras mulheres, suspendendo às tetas/
Magras crianças, cujas bocas pretas/ Rega o sangue das mães (ALVES,
2016, p. 09).

Movimentos como a Conjuração Baiana, também chamada de Revolta dos Alfaiates⁶, de 25 de agosto de 1798, que pretendia libertar o Brasil de Portugal e decretar a abolição e os locais de resistência da população negra inconformada, contribuíram para gradativa extinção legal da mão de obra escrava:

³Moura (2013, p.289) enumera as várias aplicações da palavra “negro” como negro de guiné (modo que os paulistas chamavam os africanos), negros caçadores e naturalistas (negros destinados às atividades de caça), negros de carro (puxavam as carruagens), negros proprietários de escravos (negros de possuíam fortuna, segundo relatos do viajante Thomas Ewbank em 1973, durante a sua passagem pelo Rio de Janeiro).

⁴ (GOMES, 2019) relata que as leis não coibiram por completo a importação de escravos que continuaram a chegar no país em locais de pouco acesso.

⁶ Outra revolta de grande vulto ocorreu 1835 e foi chamada de a Revolta dos Malê composta por africanos e mulçumanos em Salvador, no século XIX, e que reivindicava a libertação dos escravos e a liberdade de culto.

Abolicionismo foi o movimento que, segundo Joaquim Nabuco, foi iniciado, no seu sentido amplo, em 1879-1980. Movimento surgido na classe média liberal não satisfeita com apenas extinguir o tráfico ou reivindicar medidas que melhorassem a sorte do cativo, mas pretendia ver extinta a escravidão. Apesar da participação nacional, com entidades e grupos organizados em quase todos os estados (províncias), ele se corporificou definitivamente com a formação da Confederação Abolicionista (MOURA, 2013, p.16).

Clubes pró-abolição igualmente se movimentavam contra o regime a partir de 1878. Em São Paulo, em 1888, surgiu o grupo Caifases com a proposta de lutar contra o regime escravo, apoiando rebeliões, perseguindo capitães do mato e fiscalizando o tratamento que os senhores dispensavam aos seus cativos.

Os quilombos⁷ (do bantu ou banto⁸ Kilombo⁹, que significa fortaleza) ou mocambos (esconderijos), tornaram-se recorrentes locais de refúgio e resistência dos negros. O mais conhecido foi o Quilombo de Palmares, na Capitania de Pernambuco, região de palmeiras e distante do litoral, onde os negros resistiram bravamente por quase um século. Durante a sua existência, dois líderes se destacaram: Gamba-Zumba (nascido em 1630 e morto em 1678) e Zumbi dos Palmares (sobrinho de Gamba-Zumba, nascido em 1665 e morto em 1695). Segundo (GOMES, 2019), Palmares teria 27 mil quilômetros quadrados de extensão e sobreviveu a várias investidas militares. O autor aponta, ainda, a existência de centenas de quilombos em todo o território brasileiro, 160 somente em Minas do século XVIII.

Muitos desses ajuntamentos teriam sido afixados em futuros espaços urbanos como Jabaquara, em São Paulo. Em junho de 2022, foram encontrados vestígios do chamado Quilombo da Saracura, bairro da Bela Vista, durante as escavações para a abertura de uma nova estação de metrô, a 14 Bis. O local é o mesmo que, durante décadas, abrigou a escola de samba Vai-Vai. De acordo com o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), 51 grupos remanescentes dos quilombos são reconhecidos pelo governo de São Paulo e a maioria encontra-se no Vale do Ribeira (região sul).

⁷Moura (2013, p. 339), também fala da existência do Grande Quilombo, ajuntamento de quilombolas que se organizou em Minas Gerais, na mesma região onde existia antes o quilombo do Ambrósio.

⁸Língua matriz de algumas regiões do continente africano. É também usada para denominar os distintos grupos étnicos que habitavam a região.

Contudo, muitos desses heróis negros, quando descritos, tiveram suas atuações apagadas ou equivocadamente registrada pelos anais oficiais - o mesmo movimento que embranquece nossos líderes e deixa a população negra órfã de seus ícones de resistência.

A situação reforça o endurecimento e a perpetuação do chamado racismo estrutural. Esse foi alicerçado pelo cimento invisível do branqueamento e do apagamento histórico da população negra como referência para a imagem coletiva que se tem desses grupos. A narrativa velada tingida pelo lodo do racismo estrutural é aquela que constrói a imagem do negro perpetuada pelo audiovisual. A população negra se tornou vítima recorrente de apagões que negaram sua necessidade essencial de ter oficialmente demarcada a sua trajetória seja ela enquanto membro de sua terra natal, enquanto pessoa sequestrada e escravizada e até mesmo como pessoa “oficialmente livre”.

Considerando a história particular e do indivíduo como membro de uma sociedade algo fundamental à sua condição de cidadão, um povo que não tem a sua história contada ou que não está inserido como agente autônomo na história de outrem, poderá realmente ser considerado livre? Talvez esteja aqui a justificativa para a perpetuação do conselho dado prematuramente a todo negro: não saia de casa sem os seus documentos. A qualquer momento terá que provar o seu estado atual de não coisa, de pessoa liberta e, por consequência, dotada de seu direito de ir e vir.

2. Representações do corpo negro no espaço midiático

Em sua obra “A sociologia do corpo”, Breton (1992, p.24) afirma que “há ambiguidades do referente corpo. O corpo não é uma natureza. Ele nem sequer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres”. Para o nosso estudo, o negro vem sendo representado como um recipiente vazio. Sendo desprovido de humanidade, o que salta à visão permanece enjaulado nos limites de sua função. Tratava-se de uma existência edificada em sua condição servil. O corpo negro é aquele que serve as camas, as fantasias eróticas, que carrega a bandeja, ilustra os sapatos, dispõe, sem compensação, sua força física no trabalho constante e em estruturas inferiorizantes da construção do capital. Ser mulher ou ser homem é simples detalhe abafado na função social que lhe foi culturalmente edificada. Como mero executor, esteve ausente dos cargos de comando e dos ideais de intelectualidade.

A representação do corpo negro passou a se sustentar na ideologia do estereótipo, como bem indica Ribeiro (2019, p.13): “Obviamente não estou questionando a dignidade dessas profissões, mas o porquê de pessoas negras se verem reduzidas a determinados estereótipos, em vez de serem reconhecidas como seres humanos em toda a sua complexidade e com suas contradições”.

Tal concepção do corpo negro, culturalmente construída pelo ranço do trabalho cativo, contamina as relações sociais, corrobora com os matizes do racismo estrutural e confirma-se como referência para as representações no audiovisual. Almeida (2019, p.22) afirma que “racismo é uma forma sistemática de discriminação que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”. No racismo estrutural, o mecanismo está enraizado nas estruturas sociais, o que o torna ainda mais perverso por ser naturalizado ao ponto de não ser percebido ou até mesmo negado não só por aqueles que não o sofrem, mas até mesmo pelas vítimas inconscientes.

Com as representações do negro limitadas a funções servis, presenciamos frequentes “apagamentos” de nomes ou os seus embranquecimentos. Tais mecanismos negam um dos conceitos que, ideologicamente, vem servindo para perpetuar o julgamento fantasioso de que o Brasil é um país onde os conflitos raciais foram superados pela beleza da miscigenação. Por esse caminho, assistimos à descaracterização de figuras afrodescendentes como Chiquinha Gonzaga (Rede Globo, 1999), Castro Alves e Machado de Assis.

Para que possamos compreender o engenho, utilizaremos três ocorrências midiáticas distintas identificando os estereótipos de representação negra na publicidade (anúncio da Caixa Econômica), na ficção (programa Falas Femininas) e no jornalismo (repercussões do caso Max Ângelo).

Machado de Assis (1839-1908) foi usado como protagonista de uma campanha veiculada em 2011, com o propósito de comemorar os 150 anos de fundação da Caixa Econômica Federal. A peça enaltecia as qualidades intelectuais do escritor, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. O “Doutor Machado”, um senhor branco, fazia depósitos frequentes no banco através do qual realizou o seu testamento.

A peça publicitária mostrou algo muito maior do que um equívoco profissional, mas o total desconhecimento histórico sobre um dos maiores escritores do país e o quanto nosso inconsciente está contaminado pelos estereótipos de funcionalidade que varrem o

corpo negro de lugares não servis. Notadamente, a etnia do artista seria um mero detalhe, caso a peça não fosse veiculada em um ambiente social que, de maneira incansável, esforça-se em apagar as referências negras, contribuindo assim para a perpetuação do racismo pautado, entre outros mecanismos, na exclusão e na demarcação de espaços sociais proibidos para essa população. Ironicamente, o slogan da campanha afirmava que a Caixa teve a sua história escrita por “todos os brasileiros”. Diante de inúmeros protestos e queixa formal divulgada pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, a peça foi retirada do ar e, posteriormente, regravada. Na nova versão, o ator Ailton Graça aparecia realizando uma breve apresentação. Novamente, Machado de Assis, agora negro, caminhava pelas ruas de comércio do Rio de século XIX.

A ideia da demarcação de lugares próprios para o negro surge ainda no programa apresentado pela Rede Globo de TV, “Falas Femininas”. Escrito por três autoras negras, Renata Martins, Grace Passô e Jaqueline Souza, o episódio em questão integra o projeto “Histórias Impossíveis”. O objetivo é propor uma reflexão sobre temas relevantes como a problemática de gênero, social, racial e a questão indígena e o programa foi ao ar em 6 de março, semana do dia internacional da mulher.

Com o nome de “Mancha”, o episódio bastante complexo relata a história de duas mulheres: a jovem doméstica negra Mayara (Luellem de Castro) em seu último dia de trabalho e sua patroa Laura (Isabel Teixeira). Laura, mulher branca, de classe média, sofria com uma maternidade solo e na fase madura de sua vida. Ambas tinham uma relação afetuosa e Mayara acreditava que Laura, por ser uma patroa diferente, compreenderia a sua necessidade de ascensão social. Entretanto, Laura pede para que Mayara desista dos seus sonhos e permaneça no emprego. Tentando adiar a partida da jovem, ela exige limpeza de uma mancha praticamente imperceptível na vidraça da sala de seu apartamento e uma suposta queda desmorona a aparente relação harmoniosa. Laura se desestabiliza por ver o sistema rompido, o sistema no qual foi criada. O apartamento passa a ser, então, uma metáfora do Brasil. A partir daí, um emaranhado de conflitos vem à tona com as personagens indignadas ao se olharem frente a frente: “O que eu sou para você? Eu não sou uma mulher?” Pergunta a jovem Mayara, que recebe um silêncio espantado como resposta.

O programa aborda a conflituosa convivência entre patroa e empregada, isto é, mulher branca e mulher negra atravessadas pelo resquício histórico de sinhozinha e

mucama. Revela a desordem da patroa, que não consegue viver sem os serviços da doméstica. É surpreendida pela notícia de que ela estava buscando ascender socialmente e passaria a frequentar um espaço não demarcado para os negros: a universidade. O choque vivido pela patroa vem, além disso, da descoberta de que a doméstica não era o corpo oco gerido exclusivamente para servi-la - era uma pessoa, munida de sonhos e desejos. A jovem estava quebrando uma tradição de família. Sua mãe havia servido na mesma casa seguindo os passos da avó. Gerações de famílias restritas as quatro paredes estreitas e úmidas do quarto de empregada isolado atrás da lavanderia. A menina repousava junto com os utensílios de limpeza, ao mesmo tempo que ficava fora da parte social da casa como a sujeira que exterminava. Tal pensamento excludente fica claro em um dos momentos mais críticos, quando a jovem relata o aprendizado que teve com a avó sobre o passar pano no chão: “O pano deve estar na frente. Dessa forma a gente fica do lado de fora como a sujeira”.

É comum as famílias negras terem pelo menos uma integrante que passou a vida inteira limpando a casa da patroa. Provavelmente, ajudou os filhos da patroa a crescerem, se formarem e serem integrados à sociedade. Com certeza, eram consideradas como pessoas da família. Sem diretos trabalhistas reconhecidos, com salários baixíssimos e jornada de trabalho que excedia as oito horas regulamentares. Muitas deixaram de olhar por suas próprias famílias. Outras não criaram os seus filhos para cuidar dos filhos da patroa, assim como as amas de leite do tempo da escravidão. Outras nem mesmo chegaram a constituir família, resumindo suas vidas à tarefa de servir até serem surpreendidas pela notícia de que não pertenciam àquele grupo familiar. Não foram lembradas em testamentos, foram dispensadas quando chegaram à velhice e muitas delas de mãos vazias. Outras tantas vieram muito jovens de lugares longínquos do país, “obtidas como quase filhas”, filhas que nunca foram legalmente registradas. O destino era aprender a cuidar dos “quase irmãos” que cresciam junto com elas. A sina era assistir os “quase irmãos” construindo suas vidas sociais e financeiras enquanto permaneciam em seus lugares de direito: a área de serviço. Muitas não aprenderam a ler, outras acabaram criando seus próprios filhos entre vassouras e panos de limpeza. Muitos desses filhos tinham como madrinhas as patroas das mães que, generosamente, os convidavam a sentar à mesa em ocasiões especiais. Uma vida dedicada ao trato dos outros, à lembrança dos limites que não poderiam ser ultrapassados como os do elevador social.

Quantos negros não foram barrados, mesmo após leis como a nº 11.995 (de 1996, em São Paulo), que proibia qualquer forma de discriminação no acesso aos elevadores dos edifícios públicos municipais, particulares ou comerciais, ou a Lei 7957 do Rio de Janeiro, que decretava a exclusão das nomenclaturas “social” e de “serviço” em 2023.

A chamada “PEC das Domésticas” (Emenda Constitucional aprovada em 2013), incluiu novos direitos à categoria, como recolhimento do Fundo de Garantia, pagamento do adicional noturno e indenização para casos de demissão sem justa causa. No entanto, segundo dados do Jornal Hoje de 01/04/2023, o Brasil tem 5,8 milhões de trabalhadores domésticos, a maioria mulheres negras, mas somente 25% trabalham com carteira assinada. O empregador indignado, como os antigos senhores de escravos, segue dando voltas na lei como na utilização do trabalho de diarista (trabalhadora informal).

A representação do negro no audiovisual a partir de funções previamente permitidas ainda pode ser observada na ocorrência cotidiana que envolveu Max Ângelo, de 36 anos de idade, morador da Rocinha, gigantesca comunidade do Rio de Janeiro. Simbolicamente, a Comunidade da Rocinha e o quarto de empregada constituem um mesmo espaço de demarcação social para os negros. A formação das favelas no Rio de Janeiro está atrelada à famosa reestruturação urbana feita pelo prefeito Pereira Passos¹⁰, uma reforma que tinha a finalidade de combater doenças e dar fim aos cortiços.

Muitas obras inundaram o Rio e foram acompanhadas de outras medidas de saneamento, entre as quais a vacinação obrigatória da população. Os pobres, majoritariamente negros, foram deslocados do centro para bairros periféricos, beneficiando o surgimento das favelas.

Max Ângelo relizava entregas em um prédio quando foi agredido por Sandra Mathias, uma ex-atleta branca. A ocorrência chocou o país através de diferentes meios de comunicação: a mulher usou a guia do seu pet para bater no rapaz, como uma sinhazinha punindo o seu escravo. O fato jornalístico ratifica a mentalidade culturalmente construída e que insiste em não superar a era do Brasil escravagista encurralando o negro, como que de forma natural, em lugares subalternos e determinando a cor da pele dos socialmente privilegiados.

¹⁰ Pereira Passos era também engenheiro e atuou como prefeito entre os anos de 1902 e 1906. Ele realizou várias obras na cidade derrubando casarões e alargando vias.

3. As escolas de samba e o resgate da ancestralidade em novas formas de representação do corpo negro

Atualmente¹¹, uma grande revolução não organizada pressiona as barreiras invisíveis do racismo estrutural empurrando os negros para outros espaços e, fatalmente, eclodindo nas produções audiovisuais. Uma nova estética é adotada para realizações de todos os tipos, com negros apresentando programas, telejornais e protagonizando novelas. As escolas de samba, entidades que por sua própria existência já simbolizam a bravura atemporal cultural negra, contribuem para o debate. Grande parte das agremiações se voltam para as suas origens e elegem temáticas negras para compor os seus enredos, contribuindo assim, para as reflexões multimidiáticas sobre as questões das minorias. Resgatam-se das alcunhas da história oficial personalidades dando aos negros referências de resistência.

Com esse intuito, no Carnaval de 2023, a Beija-Flor de Nilópolis¹² (Escola do Rio de Janeiro fundada em 1948), lembrou o bicentenário da independência trazendo à luz os heróis negros que a história oficial esqueceu ou branqueou no enredo “Brava Gente! O grito dos excluídos no bicentenário da independência”. Os carnavalescos Alexandre Louzada e André Rodrigues procuraram convocar o povo a conhecer, resgatar e refletir sobre os heróis ignorados pela história oficial¹³, marginalizando uma parte consistente de seu povo - os negros. Os agentes negros não tiveram a sua contribuição registrada. Nossa história oficial foi escrita idolatrando mitos brancos.

O enredo propunha a demarcação do dia em que o povo venceu - 2 de julho, data da vitória das tropas brasileiras na Bahia com a expulsão dos portugueses. Inspirada pela Conjuração Baiana (ou Revolta dos Alfaiates) de 1798, a população queria a sua independência de Portugal dando início a uma série de levantes com o propósito de atingir

¹¹ Pela primeira vez na história da TV brasileira foi possível acompanhar o protagonismo negro em três horários distintos, além de um grande contingente de atores negros nos elencos. É o que acontece nas novelas: “Amor perfeito” cujo mocinho, Orlando, é interpretado pelo ator Diogo Almeida (trama das 18h); a novela “Vai na fé” que marca a história com um casal de protagonistas negros, Sol e Ben, interpretados pelos atores Sharon Menezes e Samuel de Assis (trama das 19h) e na novela “Terra paixão” que, a critério do que aconteceu com a sua antecessora, “Travessia”, também traz uma protagonista negra, Aline, personagem da atriz Barbara Reis.

¹² Uma das escolas mais premiadas do carnaval carioca, a Beija-Flor conquistou o vice-campeonato em 2022 com o enredo “Empretecendo o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor” sobre a contribuição negra nas artes, na cultura nacional e na história da própria escola.

¹³ Em 2019, a escola Estação Primeira de Mangueira conquistou o título de campeã com um enredo que também propunha o resgate de heróis esquecidos e intitulado de “História pra ninar gente grande” do carnavalesco Leandro Vieira.

o seu objetivo. Com a liderança de nomes como Cipriano Barata e João Ribeiro das Neves, buscava-se a realização de uma constituição capaz de limitar os poderes da coroa portuguesa.

A proposta era fazer do desfile carnavalesco um ato cívico que destacasse a importância do povo na construção de nossa nação. A independência do Brasil ¹⁴teria sido conquistada heroicamente pelo povo e não proclamada pelo representante da coroa portuguesa. Foi fruto de muitos conflitos armados e crises políticas e sociais. Não foi pacífica. Muitas lutas ocorreram em Estados como Pará, Maranhão e Bahia, ocorrências fundamentais no processo de conquista de emancipação frente a Portugal. É importante destacar a participação de negros, indígenas e mulheres (destacam-se Maria Quitéria e Joana Angélica¹⁵). Devemos ecoar o grito do povo brasileiro.

Já a Unidos de Viradouro ¹⁶(outra agremiação do Rio de Janeiro e fundada em 1946), trouxe para o carnaval de 2023 a história pouco conhecida de Rosa Maria Egipcíaca, também chamada de Rosa Mística. Nascida na África em 1725, é considerada autora do livro mais antigo escrito por uma mulher negra. Desenvolvido por Tarcísio Zanon, o enredo teve como principal fonte informativa o livro escrito por Luiz Mott em 1997 e intitulado “Rosa Maria Egipcíaca uma santa africana no Brasil”.

Rosa Courana (ou Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz), nasceu na Costa de Ajudá, Benin, em 1719. Foi capturada pelo tráfico negreiro e chegou no Brasil aos seis anos de idade. Teria enfrentado uma outra longa travessia em seu deslocamento do Rio de Janeiro (onde ficou por oito anos) a Minas Gerais. Após sofrer constantes abusos por parte de seu antigo proprietário, foi adquirida como escrava de ganho pela família Durão. Viveu na prostituição durante quinze anos e servia cerca de setenta homens. Todavia, com trinta anos e, provavelmente assombrada pela culpa, começou a ter visões e sentir a saúde prejudicada, o que a teria levado a se tornar beata da igreja católica. Ela vendeu seus pertences e distribuiu o dinheiro aos pobres. Passou a ser reverenciada por seu dom de visões, sendo considerada profeta com fama em cidades como Mariana e Ouro Preto. Em 1751, ela retornou ao Rio de Janeiro. O padre especialista em exorcismo, Francisco Gonçalves (Xota-Diabos), passou a ser, então, o seu confessor, ocasião em que ela adotou

¹⁴ Busca por Bicentenário da Independência no Google: 2.020.000 resultados em 11/08/2023, às 17h22. Busca por Beija-Flor no Google- 6.690.000 resultados.

¹⁵ Maria Quitéria (1792- 1853), foi militar e lutou pela Independência e Joana Angélica (1761-1822), foi religiosa considerada uma mártir da independência.

¹⁶ Em 2022, a Unidos de Viradouro conquistou mais um campeonato com o Enredo “As setes chaves de Exu” desmistificando a aura negativa da entidade e ajudando a combater a intolerância religiosa.

o nome de Rosa Maria Egipcíaca (uma homenagem a Santa Maria Egipcíaca). Rosa Maria escreveu o livro “Sagrada teologia do amor de Deus - luz brilhante das almas peregrinas”, em que narra suas experiências místicas ao longo de 250 páginas. Ela teria recebido a missão de ser mãe da justiça diretamente do Menino Jesus, como nova redentora do mundo. Realizava cultos sincréticos ao misturar ritos cristãos com os de religiões africanas. Sendo considerada feiticeira, chegou a ser presa pela Santa Inquisição (em 1762), quando teria sido levada para Lisboa, local de sua morte em outubro de 1771.

Rosa Maria inspira o povo negro com sua vida repleta de sofrimento e resistência. É mulher que superou o destino de ser objeto sexual se posicionando como líder e capaz de se expressar intelectualmente. Em meio à tantas páginas em branco sobre o povo negro, é a representante mais documentada. É santa aclamada pelo povo e renegada pela igreja católica. Para o resgate de nossa ancestralidade, é inspiração e manifesto - “vento e ventania¹⁷”. O enredo histórico foi contado de forma linear e dividido em três setores. Rosa¹⁸ menina na África e sua travessia para o Brasil, traz a profecia das águas que a trouxeram. Rosa mundana que chega em Minas Gerais depois de quinze dias de caminhada - mostra a procissão de degenerados, os diamantes, a mineração e o contrabando. Na parte final, a Rosa em transição, a possessão, o transe, a conversão e a aclamação como santa do povo.

Em São Paulo, a Mocidade Alegre¹⁹ (fundada em 1967), teve como enredo Yasuke, desenvolvido pelo carnavalesco Jorge Silveira. O espetáculo propunha resgatar o herói negro e mostrá-lo como inspiração para os jovens da periferia, afirmando que o batuque do negro é resistência e o seu corpo é complexo, dotado de sua dimensão artística e política.

Yasuke, de origem bastante duvidosa devido à falta de registros, teria nascido em alguma parte da África, mais provavelmente em Moçambique. Chegou no Japão em 1579, levado pelo missionário jesuíta italiano Alessandro Valignano. Acredita-se que ele tenha sido o primeiro negro visto por Oda Nobunaga (daimyo do período dos Estados Beligerantes e de grandes conflitos no Japão). O governante ficou tão impressionado com seu porte (pressupõe-se que ele tinha 1,90m) e com sua cor que pediu para que ele fosse

¹⁷ Palavras presentes no samba enredo da Viradouro em 2023.

¹⁸ Busca por Rosa Maria Egipcíaca no Google: 35.800 resultados em 11/08/2023, às 17h17. Busca por Viradouro no Google 1.680.000 resultados.

¹⁹ A escola se sagrou campeã de 2023, após três anos de enredos com temática negra: O canto das Yabás (2020) e Clementina de Jesus (2022).

lavado, descobrindo assim uma nova raça. Batizado posteriormente de Yasuke²⁰, ele teria ganhado a confiança de Nobunaga passando a ser amigo, chefe de sua guarda e o primeiro samurai negro.

O desfile, uma inusitada mistura entre as culturas africana e japonesa, foi apresentado através de um enredo histórico e contado de maneira linear. Podemos dividi-lo em três setores: o primeiro traz a trajetória do herói que saiu da África e foi parar no oriente guiado por Nzuzu²¹ em águas bravias. Depois, no oriente, o espanto de Daimyô ao constatar que o guerreiro não estava sujo - tratava-se de uma raça desconhecida! Descreve ainda, a personalidade e os grandes feitos de Yasuke: leal, inteligente, estrategista, alto e forte como o tronco de um baobá²². E por último, a inspiração que Yasuke²³ é para o jovem da periferia. Um legado que jamais será esquecido. Sobra-nos a mensagem de que Yasuke renasce em cada menino pobre em sua luta diária por oportunidades. O desfile também trouxe um grito de alerta para a cidade mais japonesa fora do oriente e que é também uma das que mais mata jovens negros.

4. Considerações finais

Ao analisarmos as três ocorrências midiáticas descritas acima (publicitária, ficcional e jornalística) e compará-las com os enredos carnavalescos tomados como exemplos, observamos a exposição de novas narrativas que colocam o negro como protagonista. Enquanto eclodem casos de discriminação por todo o mundo, a simples sobrevivência das escolas de samba já seria o suficiente para demarcá-las como espaços preciosos de resistência e reverência a nossa ancestralidade. Mesmo com isso, as agremiações resgatam a nobreza dos antigos enredos ajudando com a apresentação de temas afirmativos. O corpo negro deixa de ser representado como algo oco e caracterizado pela função predeterminada pelo ranço escravista. Passa a ser aquele cuja complexidade reserva a capacidade de desenvolver-se em áreas voltadas a arte e a intelectualidade. Tem na sua ancestralidade exemplos de bravura, ascensão e liderança. Dissolve-se, dessa forma, a ideia do negro pacífico e conformado com a sua sina de escravo.

²⁰ Acredita-se que o nome africano de Yasuke era Isaque.

²¹ Deusa das águas moçambicanas.

²² Árvore grande e de alta resistência, muitas de suas espécies são nativas da África.

²³ Busca por Yasuke no Google: 2.980.000 resultados em 11/08/2023 as 17h14. Busca por Mocidade 2023- 334.000 resultados.

Essas narrativas transbordam dos cortejos carnavalescos para múltiplos espaços midiáticos, cumprindo, além disso, a função de informar e educar ao revisar uma história que precisa ser contada sob uma outra perspectiva. Portanto, constroem-se referenciais negros que poderão nos levar à desconstrução da imagem estereotipada do negro que o coloca em subjugo. Talvez ele não precise mais temer as abordagens policiais, pela implícita certeza do registro como cidadão livre, dotado do direito de ir e vir e de inteligência para “ser o que quiser²⁴”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural: femininos plurais**. São Paulo: Ed. Jandira, 2019.
- ALVES, C. **O navio negroiro**. São Paulo: EX! Editora, 2016.
- BRETON, D. Le. **Antropologia do corpo**. 4ªEd. São Paulo: Ed. Vozes, 2016.
- DIAS, Luiz S. **O samba-enredo visita a história do Brasil**. Rio de Janeiro: C. Moderna, 2007.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão Volume 1.7ºreimp**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.
- IPHAN. **Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Palmares, 2007.
- JENKINS, H. **Cultura das convergências**. 2ªEd. São Paulo: Aleph, 2009.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e Mídias sociais**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- MOTT, L. **Rosa Maria Egípcíaca: uma santa africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Bretand, 1997.
- MOURA, Clovis. **Dicionário da escravidão no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.
- RIBEIRO, Djamilá. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: C. das Letras, 2018.

²⁴ Referência ao samba enredo da Escola Mocidade Alegre em 2023.

SONTOS, José Rufino dos. **Escravidão no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

SOUZA, José C. **Gêneros e Formatos da televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

WILLIAN, Rodney. **Apropriação cultural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

Peças audiovisuais

Caixa 150. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OboocxKLfRk>. Acesso em 15 de ago. de 2023, às 15h40min.

Programa Falas Femininas. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=X21QpCaHJ0o> > Acesso em 15 de ago. de 2023, às 15h02min.

Desfile Mocidade Alegre. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=8tY8o73xhqE> > Acesso em 15 de ago. de 2023, às 15h51min.

Desfile Viradouro. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=PNwrGfVZzP8> > Acesso em 15 de ago. de 2023, às 16h11min.

Desfile Beija-Flor. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6lOkUCJGxVM>> Acesso em 15 de ago. de 2023, às 16h39min.